

GÉNERO E FAMÍLIA NA CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES PORTUGUESAS NO CANADÁ*

SALLY COLE
CONCORDIA UNIVERSITY
MONTREAL, CANADÁ



In an ethnographic case study, gender and household relations are found to play in a Portuguese "community" in southwestern Ontario, Canada. The analysis focusses on the households of emigrants from the fishing town of Nazaré whose members also work in fishing in Canada. Comparison is made with the Canadian households of emigrants from the Azores and Trás-os-Montes. Emigrants from the three regions are found to be differently located in the Canadian economy and to maintain different ideals and practices in the reconstitution of household and gender relations in a transnational context.

Num estudo de caso, são consideradas as relações de género e de domesticidade que actuam numa comunidade portuguesa da Província do Ontário. A análise foca a domesticidade de emigrantes da Nazaré que, também no Canadá, encontraram a sua actividade principal na pesca. Faz-se uma comparação com a domesticidade de emigrantes dos Açores e Trás-os-Montes. Os portugueses destas três regiões têm, na economia canadiana, nichos ocupacionais diferentes e, bem assim, práticas de domesticidade e relações de género diversificadas.

Neste artigo tentarei explicar como as relações de género e de domesticidade desempenham um papel importante na definição das identidades portuguesas em três cidades a norte do Lago Erie, no Ontário. A extensa pesquisa intercultural, levada a cabo nos últimos vinte anos, revelou que o lar é a instituição que medeia as tensões estruturais das condições económicas e políticas e na qual os indivíduos se movimentam como agentes culturais e construtores dos seus próprios destinos. Esta investigação revelou também que, quer empenhados numa produção de subsistência, quer estruturados num consumo com base num salário, os lares nem sempre representam os interesses conjuntos dos seus membros. Apesar do esforço e a vontade dos membros em construir o lar como uma unidade, forças externas a esse núcleo exercem frequentemente um impacto de forma a dividir os indivíduos do agregado familiar. Estas divisões ocorrem normalmente em determinadas linhas de idade e género (Grasmuck e

Pessar 1991; Harris 1981; Hartmann 1981; Rapp 1978; Young 1978).

O objectivo deste trabalho divide-se em três partes: descrever ideias sobre género, lar e família entre os imigrantes portugueses da Nazaré que se estabeleceram no Canadá para trabalhar na pesca do Lago Erie; documentar de que forma é que mudaram e mantiveram a continuidade em termos de relações de género e domesticidade relativamente às comunidades piscatórias em Portugal; e estabelecer um contraste entre estas e as relações de género, domesticidade e família entre os imigrantes de outras duas regiões de Portugal: dos Açores e de Trás-os-Montes, tanto estes como aqueles também se fixaram na comunidade do Lago Erie e trabalham em sectores diferentes da economia regional.

Para além de uma contribuição etnográfica prestada à literatura intercultural nos domínios do género, da domesticidade e das migrações, a história emergente dos lares nazarenos do Lago

* Artigo traduzido por Sandra Tuna, U.F.P.

Erie contribui para os debates em curso sobre o impacto da integração da mulher na mão-de-obra remunerada (Di Leonardo 1984; Iacovetta 1986; Lamphere 1987; Zavella 1987). Muita da literatura existente tem-se concentrado nos contextos latino-americano e caribenhos e documenta o desaparecimento do ideal do ganha-pão masculino, bem como o surgimento de lares encabeçados pela mulher, à medida que os homens são marginalizados na economia informal e a mão-de-obra feminina é requisitada na indústria de exportação (Safa 1995). Pelo contrário, a descrição aqui feita refere-se a domesticidades centradas a partir do elemento feminino na pesca de pequena escala em Portugal, que são cada vez mais dirigidas pelos homens no Canadá, onde ambos participam na mão-de-obra remunerada. Proponho que as alterações na estrutura da domesticidade e no tipo das relações de género têm a ver com os seguintes factores: diferentes histórias de emigração dos homens e das mulheres; diferentes relações laborais em que estão envolvidos; e a construção cultural, em termos de género, do seu trabalho no contexto canadiano.

ANTECEDENTES E TRABALHO DE CAMPO

Esta pesquisa baseia-se na observação participante em entrevistas e gravações de histórias de vida (de 1990 até ao presente) de portugueses em três pequenas cidades a norte do Lago Erie: Wheatley, Leamington e Kingsville, (ver Mapa).

O meu interesse por esta região adveio de um parágrafo de Anderson e Higgs, *A Future to Inherit: The Portuguese Communities of Canada* (1976:83-5):

Wheatley, uma pequena cidade na costa do Lago Erie, funciona como o eixo de uma comunidade portuguesa florescente que se estende pelas cidades e zonas rurais vizinhas. Uma frota de barcos de pesca opera a partir do molhe e apanha espécies de água doce para as grandes fábricas de processamento de peixe. Camiões de produtos congelados partem da fábrica situada na linha da costa em direcção a vários pontos da América do Norte.

Esta citação despertou a minha atenção por várias razões: estava interessada em encetar uma pesquisa sobre os portugueses do Canadá e em particular estudar a forma como as ideias sobre género, a domesticidade e a família mudam em contextos de diáspora ou mantêm a continuidade com os padrões que eu e outros descrevemos relativamente às comunidades em Portugal (Brettell 1986; Cole 1991; Pina-Cabral 1986). Os estudos sobre as comunidades portuguesas tinham incidido exclusivamente sobre os centros urbanos, Toronto e Montreal, onde os portugueses trabalham na construção, na hotelaria, na indústria, nos serviços, especialmente em escritórios e no sector da limpeza (Noivo 1993). Interessei-me sobre a razão da prosperidade dos portugueses estabelecidos nas zonas rurais do Canadá. Intrigou-me igualmente o facto de Anderson e Higgs terem observado que a maioria dos homens que trabalhavam nos barcos do Lago Erie eram da Nazaré, uma Vila piscatória situada a 150 Km a norte de Lisboa e uma comunidade não muito diferente da de Vila Chã, na costa norte de Portugal, onde fiz uma pesquisa nos anos 80. Apesar de Anderson e Higgs não terem mencionado as mulheres desses homens, calculei que, dado que elas sempre trabalharam com peixe, as nazarenas também teriam encontrado emprego



na actividade pesqueira do Lago Erie. Contrariamente à maioria dos imigrantes que têm de fazer um corte radical com a sua experiência de trabalho anterior à imigração para encontrarem emprego na América do Norte, os nazarenos do Lago Erie possibilitaram-me o estudo de uma comunidade cujos membros trabalham no mesmo sector a que se dedicavam em Portugal. Além disso, no meu trabalho anterior verifiquei que a pesca é mais do que uma ocupação ou fonte de rendimentos para os que a praticam: é sim uma forte fonte de identidade que une indivíduos de formas específicas e antagónicas de género e consciência de classe, ao mesmo tempo que os liga à história de Portugal como nação marítima, aos Descobrimentos, e às costas e paisagens do Atlântico Norte. Os indivíduos que não trabalham na pesca falam orgulhosamente das suas ligações a antepassados que o faziam.

Predominantemente uma nação ligada à agricultura, Portugal é, há muito tempo, um dos países mais pobres da Europa e a emigração, em especial a emigração masculina, em busca de melhores oportunidades económicas, tem sido um elemento cultural, uma estratégia doméstica e um papel desempenhado pelos elementos masculinos há várias gerações. A pesca, quer localmente, quer ao largo da Terra Nova, foi escolhida por muitos que resistiram à emigração e procuraram formas de manter os seus lares em Portugal. O desenvolvimento de pequenos negócios de pesca está directamente relacionado com a estratificação social e, principalmente, com práticas de atribuição de heranças. No século XIX, as famílias rurais começaram a consolidar a propriedade nas mãos de um só

herdeiro, deixando, dessa forma, um número crescente de filhos e filhas sem ou com poucos bens de raiz. Em Vila Chã, em vez de emigrarem, alguns desses filhos fixaram-se na orla marítima da freguesia e dedicaram-se à pesca à linha e à rede, principalmente à sardinha, bem como outros recursos marítimos, e começaram a aproveitar as dunas para a agricultura em pequena escala pela utilização de fertilizantes de algas. (Cole 1991; Veiga de Oliveira, Galhano e Pereira 1975). Os lares que desenvolveram este novo modo de vida têm um sem número de características distintas e passaram a representar tanto um modo de vida especial, bem como uma forma cultural. Isto é, uma domesticidade característica de pescadores incorpora nos seus membros os valores de uma cultura que lhe é própria. Significativamente, a organização do trabalho e as relações de género são idealizadas pelos membros da domesticidade e frequentemente articuladas e afirmadas nas interações diárias.

Durante os meses de Maio e Junho de 1990 e 1991 fui, com o meu marido e filhos em idade pré-escolar, para a cidade de Leamington, onde vive a maioria dos trabalhadores nazarenos. Visitei várias indústrias de peixe e entrevistei os trabalhadores, delegados sindicais e os proprietários dessas unidades. Passei vários dias nas docas em Wheatley e Kingsville a falar com os membros das tripulações, enquanto os barcos regressavam e enquanto o mestre subia a bordo para registar o volume e as espécies da pescaria. Passei várias manhãs na padaria portuguesa na rua principal de Leamington, onde as mulheres se juntavam nos dias em que havia pouco ou

nenhum peixe para tratar, e noites na loja dos "donuts" Tim Horton's (uma instituição canadiana), que entre as 8 e as 9 da noite se tornava, de acordo com os habitantes locais, a "Pequena Nazaré", à medida que as mulheres e as suas crianças aí afluíam ao fim de um dia de trabalho.

Para complementar estes períodos de trabalho de campo com a minha família, fiz numerosas viagens adicionais sozinha em diferentes épocas do ano, entre 1990 e 1995. Mantive contactos com várias famílias que ia actualizando nas visitas às suas casas. Também recorri a três estudantes portugueses do secundário, a quem forneci planos de entrevistas e gravadores para entrevistarem membros da família e vizinhos.

Para além da observação participante acima descrita, o meu estudo também se baseia em entrevistas formais e informais. Gravei dezoito relatos de vida individuais (nove mulheres e nove homens) nas suas casas; nove histórias de casos domésticos (três de cada uma das três comunidades internas: nazarenos, açorianos e transmontanos); numerosas entrevistas em grupo e discussões, moderadas com cinco nazarenas, clientes habituais da padaria portuguesa; numerosas discussões em grupo com homens e mulheres açorianos em eventos sociais, em casas particulares e, noutros momentos sociais, com transmontanos, nas suas casas, e no Clube Português em Leamington. Finalmente, na primavera de 1992, em Portugal, entrevistei *retornados* do Lago Erie, em Vilar de Perdizes (Trás-os-Montes) e na Nazaré.

LARES CENTRADOS NO ELEMENTO FEMININO EM PORTUGAL

Os lares de pescadores em Vila Chã e na Nazaré estão centrados na mulher (Brøgger 1987; Cole 1991). Este facto manifesta-se nos padrões de residência pós-casamento, na proximidade residencial e na ajuda mútua, bem como na frequente interacção e na força dos laços afectivos entre as mulheres que sejam parentes consanguíneas. Isto é, após o casamento, as filhas continuam a viver perto das suas mães e irmãs, e mães e filhas ajudam-se económica e socialmente diariamente no quotidiano. As relações das mulheres com os familiares maternos são assim reforçadas, enquanto que as relações dos homens com os seus parentes se diluem. Esta centralização na mulher também se constata pelos padrões verificados na atribuição das heranças e nas relações de propriedade: as mulheres possuem e herdam propriedade (barcos e equipamentos de pesca, casas e quintais) e uma filha, normalmente a mais nova, é a preferida para ficar na casa familiar para tomar conta dos pais na velhice e para herdar a casa após a morte destes.

As mulheres desempenham papéis fulcrais na subsistência e na produção de bens primários. As mulheres controlam a produção e venda de algas; cultivam quintais (batatas, couves, nabos e cebolas) e criam coelhos, galinhas e frangos para consumo doméstico; elas limpam e tratam da manutenção do equipamento de pesca (redes e armadilhas); são também elas quem descarrega e vende o peixe que os maridos trazem para casa. Elas podem ainda ser proprietárias de barcos e contratar tripulações que pescam para elas; e, até recentemente, algumas

mulheres também pescavam no mar com os homens. A divisão do trabalho com base no género nestes lares define as mulheres em primeiro lugar como “trabalhadoras”, e não como esposas, mães ou filhas, isto é, como produtoras e não apenas reprodutoras. As mulheres descrevem-se a elas próprias como “ao mesmo tempo dona de casa e pescador”. Tanto os homens como as mulheres dizem “ser mulher é ser trabalhadeira”. As mulheres desempenham papéis indispensáveis e visíveis nos negócios familiares de pesca e a importância do seu trabalho é culturalmente reconhecida. São as mulheres que gerem o rendimento familiar e que dão aos maridos uma quantia para cerveja e tabaco. A mulher é a governante da casa ou, como me dizia uma mulher: “Sou a comandante da família”.

Esta centralização no elemento feminino é intensificada pelos elevados índices históricos de emigração masculina, que reforçaram ainda mais os laços das mulheres com os familiares maternos e incentivaram a vizinhança entre mulheres (grupos de mulheres ligadas por laços de consanguinidade viviam e trabalhavam próximas umas das outras). Mas a domesticidade tendia a ser centrada na mulher, quer o homem estivesse ausente, quer presente e, apesar de o ideal cultural ter como base a família nuclear, isso não constituía a norma. Domesticidades constituídas por mulheres solteiras com os seus filhos, ou mulheres casadas com filhos cujos maridos as tinham deixado para emigrar, eram comuns; na comunidade dos pescadores, a unidade social básica era a mulher, casada ou solteira, e os seus filhos.

A PESCA NO LAGO ERIE

Wheatley (2.000 hab.), Leamington (12.500 hab.) e Kingsville (5.500 hab.) são pequenas cidades vizinhas, situadas ao longo de uma extensão de 40 km da costa do Lago Erie, a cerca de 45 minutos de automóvel de Windsor e Detroit. Setenta e oito “rebocadores” (“*Gillnetters*” e traineiras) partem para a pesca dos portos de Wheatley e Kingsville, essencialmente em busca de perca, lúcio e salmão. Trabalham nos barcos aproximadamente 600 homens em tripulações de cinco e seis homens, um terço dos quais portugueses. Sete fábricas de tratamento de peixe empregam cerca de 500 trabalhadores num ano (e mais na época alta), na sua maioria mulheres, mais de um terço portuguesas. A maior e a mais antiga é a Omstead Foods em Wheatley, fundada pela família Omstead em 1911. Para além de produtos de peixe, a Omstead’s cozinha e congela “argolinhas” de cebola e uma variedade de legumes e, no auge da produção, chega a empregar 600 trabalhadores. Nos anos 1970 e 80, foram construídas várias fábricas novas, incluindo a Lago Erie Foods, pertencente a italianos, fundada em 1984, que emprega 80 trabalhadores, e a Pressteve Foods, de portugueses, que foi fundada em 1986, com 60 trabalhadores. Há ainda outras quatro fábricas semelhantes que empregam uma média de 30 trabalhadores.

Antes da Segunda Guerra Mundial, a pesca comercial do Lago Erie era essencialmente uma indústria masculina, tanto nos lagos como em terra. O peixe era embalado no giro, em gelo, vendido em conjunto, e recolhido por navios a vapor americanos que o transportavam, em

seguida, para Nova Iorque e Chicago em camiões. No início do século XX, os comerciantes de comida judaica (Kosher) destas cidades expandiram-se para responder à imigração massiva dos judeus da Europa de leste, que emergiam como o mercado principal de peixe de carne branca do Lago Erie (Van West 1989). Após a guerra e com o desenvolvimento da tecnologia de refrigeração, o tratamento de peixe aumentou e a variedade de produtos à base de peixe desenvolveu-se para responder às necessidades da explosão demográfica das famílias de classe média anglo-americanas e anglo-canadianas do pós-guerra. Hoje, os mercados originais continuam a ser os centros urbanos nos Estados Unidos e no Canadá, mas também, desde os anos 1960, um enorme mercado de perlanço congelado.

O emprego de mulheres na indústria começou com a falta de mão-de-obra masculina durante a Segunda Guerra Mundial e continuou no período do pós-guerra, quando a indústria passou da embalagem para o processamento. Nos finais dos anos 1940, os embaladores de peixe da Omstead's e da Mclean's começaram a produzir "douradinhos", filetes e outras comidas congeladas. O processamento de filetes de peixe, apoiado como era na filetagem manual, criou novos postos de trabalho para as mulheres e, por volta de 1950, a Omstead's empregava 30 mulheres nesta actividade, e a Mclean empregava 16. A comercialização de alimentos congelados de conveniência alargou-se com a intensificação do trabalho doméstico que acompanhou o ideal masculino da mulher dona de casa e trabalhadora dos lares da classe média canadiana. Quando a filetagem industrial se ligou desta forma à preparação de comida pela mulher em casa,

também se tornou culturalmente definido como um trabalho feminino. Por volta de 1972, dois terços das pessoas empregues no tratamento e embalagem de peixe eram mulheres, em especial portuguesas e italianas, e nos anos 1990 todos os empregados eram mulheres, excepto os mecânicos e os operadores de equipamento.

As mulheres nazarenas que trabalhavam efectivamente por conta própria na Nazaré, como vendedoras de peixe, proprietárias de barcos, empregadoras e responsáveis pelo governo da casa, tornaram-se tarefeiras em fábricas mecanizadas onde o seu comportamento era supervisionado e o conhecimento e arte necessários à manutenção da tecnologia de confecção e congelação eram detidos por homens. No contexto canadiano, o trabalho remunerado das mulheres era visto como uma extensão das suas tarefas domésticas na confecção de comida e era visto pelos seus patrões como secundário em relação ao emprego e ordenado dos seus maridos.

A estratégia nazarena de emigração de todo o agregado familiar (homens, mulheres e crianças) para trabalhar na actividade piscatória do Lago Erie era empreendida com a ideia de que a experiência de trabalho dos homens e das mulheres na pesca canadiana seria semelhante à da Nazaré. Para a maioria dos homens, parece ter sido esse o caso. As relações entre a tripulação nos rebocadores do Lago Erie são semelhantes às das traineiras que pescam ao largo da costa da Nazaré e, tal como aí, há uma série de formas possíveis de remuneração e incentivo. A maioria dos pescadores do Lago Erie recebe a sua parte num sistema de quotas. Assim, 50% do rendimento do barco é dividido pelos

membros da tripulação. Os capitães do barco (9,9% dos pescadores) recebem um ordenado. Outros 9,3% recebem um salário e 8,7% recebem uma combinação de ordenado ou férias e percentagens (Lambert 1975). As mulheres nas fábricas são pagas por quilograma de filetes, estando o preço da tarefa dependente da espécie e da oferta de peixe. As mulheres trabalham sem qualquer controlo sobre o preço da tarefa, o volume do peixe ou a distribuição do trabalho entre a mão-de-obra disponível. Voltarei mais adiante às implicações destas diferentes relações de trabalho para os homens e mulheres na envolvente doméstica.

1970: OS NAZARENOS DESCOBREM O LAGO ERIE

Durante o regime salazarista, os homens das comunidades dedicadas à pesca conseguiam evitar o serviço militar obrigatório através da assinatura de contratos de seis anos consecutivos ao serviço da frota de pesca de bacalhau no Grande Banco ao largo da costa da Terra Nova. Esta era a prática corrente de muitos jovens da Nazaré durante uma grande parte deste século e, em especial, nos anos 1960 e início dos anos 1970, altura em que o serviço militar implicava combater na Guerra Colonial em África. Quando se aproximavam dos 18 anos (que para muitos era também a idade em que ficavam noivos ou casavam), entravam ao serviço da frota do bacalhau para, assim, fugirem ao serviço militar e ganharem um pouco de dinheiro para montar casa. Muitos homens continuaram a fazer viagens de seis ou sete meses depois de terem prestado o serviço necessário como uma forma de aumen-

tar o capital da família durante os anos em que os filhos ainda eram pequenos e dependentes (Cole 1990). Alguns homens continuaram a fazer esta viagem sazonal durante toda a vida, fazendo cerca de 40 viagens, mas a maioria procurava deixar a pesca do bacalhau quando sentia que já podia viver da pesca na praia da Nazaré e quando havia filhos adolescentes a quem dar trabalho (tanto em terra como no mar).

Esta vida de pescadores de bacalhau era árdua, perigosa e mal remunerada. Durante os anos 60, a frota portuguesa de bacalhau, que insistia na pesca à linha em pequenos barcos a remos de um homem e em pagar a esses mesmos homens à tarefa, era um anacronismo no Grande Banco, altura em que outras frotas se estavam a industrializar e a virar para a pesca em arrastões (Cole 1990). A pesca do bacalhau também exigia que os homens estivessem longe das esposas e família durante longos períodos de tempo, e muitos começaram, assim, a procurar alternativas. Ao longo da década de 1960, todos os anos havia um conjunto de nazarenos que decidia não regressar a Portugal no final da época de pesca de bacalhau e seguiam o rio St. Lawrence até se estabelecerem em Toronto. Nos finais dos anos 60, havia já um próspero Clube da Nazaré em Toronto. Estes homens trabalhavam em restaurantes, hotéis, e nos serviços de alimentação no aeroporto de Toronto, longe da pesca. No entanto, ouviram falar da pesca no Lago Erie e, na primavera de 1970, quatro nazarenos alugaram um carro e desceram até Kingsville. Um destes homens, Manuel Costa, explicou-me:

Queríamos ver se conseguíamos arranjar trabalho na pesca, porque o que nós somos mesmo é pescadores. Nós,

os da Nazaré, somos um povo pescador. Fomos até às docas, dissemos aos donos dos barcos que queríamos pescar e perguntámos se havia emprego. Eles disseram 'com certeza' e nós lá pescámos ao longo de Maio e Junho. Havia montes de espaço nos barcos, montes de trabalho nessa altura...

Dois anos mais tarde, em 1972, um açoriano, que tinha vindo para o Canadá nos anos 1950 e que tinha trabalhado primeiro numa quinta e mais tarde na cozinha da Omstead's, tornou-se o primeiro português a comprar um barco e licença de pesca no Lago Erie. Desde o início, recrutou os seus trabalhadores directamente da Nazaré, com contratos sazonais, incentivando os homens a trazerem as suas esposas e famílias, pois as mulheres tinham trabalho garantido na indústria de tratamento de peixe e comida e nas colheitas em quintas das áreas circundantes. Este proprietário português estabeleceu o tipo de recrutamento que se viria a verificar na década seguinte e, por volta de 1982, havia 200 famílias nazarenas a viver em Leamington e a trabalhar na actividade comercial da pesca.

Os homens e as mulheres da Nazaré sentiam-se atraídos pelo Lago Erie pelas seguintes razões: a perspectiva de poderem emigrar como família; a capacidade de todos os membros adultos ganharem um salário, contribuindo, assim, para o sustento do lar; o sistema de pagamento por quotas, que era o mesmo que se praticava na Nazaré e que eles consideravam um incentivo a intensificar o trabalho; e a sazonalidade do trabalho, que não lhes exigia um corte definitivo com os familiares e a vida na Nazaré e lhes permitia regressar a Portugal todos os anos por uns meses, na altura do Natal, quando a pesca no Lago Erie estava fechada.

A Margarida Gonçalves veio para o Canadá em 1973, com a idade de 11 anos, com a sua mãe e dois irmãos, para se juntarem ao seu pai. Trabalha na filetagem em Wheatley desde 1979, quando fez 17 anos. A Margarida descreve da seguinte forma a estratégia doméstica:

Toda a família trabalhava na pesca – os pais nos barcos, as mães a fazer e a remendar redes ou a filetar o peixe; e os filhos e filhas deixavam a escola logo que pudessem juntar-se aos pais. Todos nós trabalhávamos para o sustento do lar e, desta forma, conseguíamos ganhar até \$80.000 por ano com a família toda (mãe, pai, filha e dois filhos) a trabalhar. Era uma operação familiar. O primeiro objectivo de toda a família era trabalhar na pesca. Estávamos aqui para pescar e planeávamos regressar à Nazaré. E é assim que tem sido com os nazarenos há já dez ou vinte anos. Os filhos nunca questionaram os pais. Quando adolescentes, todos nós queríamos ir para lá e ganhar dinheiro. E a maioria das raparigas sabia que iriam casar em breve, de qualquer das formas. Algumas famílias costumavam mandar as suas filhas para a Nazaré no Verão com uma missão: ela tinha de encontrar um marido. Ela regressava, então, comprometida e a família procurava trabalho para o noivo num barco e mandava-o vir. Isso agora está a começar a mudar um bocadinho, mas mesmo assim a maioria das raparigas não acaba a escola secundária e a maior parte casa antes de atingir os vinte anos.

Na perspectiva do nazareno, vir para Leamington para trabalhar na pesca do Lago Erie permitia aos maridos trazer as suas famílias e esposas e filhos adolescentes para ganharem um salário e contribuírem para o sustento do lar. A família podia permanecer intacta, bem como a divisão de tarefas no agregado familiar. Os trabalhadores portugueses do Lago Erie mantiveram a ideologia da família e da domesticidade existente na Nazaré: o lar é construído por eles como uma unidade produtiva, indo recrutar a sua mão-de-obra ao seu próprio "efectivo" e



todos os membros contribuem com os seus rendimentos para o lar, que é governado pela esposa e mãe. Os homens pensam que quanto mais pescarem – mais horas derem e maiores quantidades de peixe apanharem – mais trabalho estarão a dar directamente às esposas, filhas e mães que trabalham nas fábricas, na filetagem, como tarefeiras. As mulheres e as crianças vão frequentemente ao encontro dos barcos e ajudam os homens a apanhar o peixe das redes. Nos primeiros anos, se havia dias de folga na pesca, homens, mulheres e crianças vendiam o seu trabalho aos agricultores, trabalhando em conjunto na apanha e embalagem de frutos e legumes. Maridos e esposas, filhos e filhas, encaram o seu trabalho como directamente interligado e o esforço mútuo como benéfico para o sustento do lar.

AÇORIANOS E TRANSMONTANOS NAS COMUNIDADES DO LAGO ERIE

Este artigo foca essencialmente a experiência dos pescadores da Nazaré no Canadá. Nesta parte, irei descrever brevemente a posição dos imigrantes dos Açores e Trás-os-Montes que também se fixaram nas comunidades do Lago Erie em Wheatley, Leamington e Kingsville. As identidades regionais são fortes e, tal como o género e geração, actuam de forma a criar e a manter clivagens dentro da “comunidade” portuguesa na região.

Tal como no resto do Canadá, a maioria dos portugueses imigrantes são provenientes das ilhas dos Açores. Nas três comunidades do Lago

Erie, contam-se 300 famílias dos Açores (na sua maioria do Faial da Terra, São Miguel), 200 famílias da Nazaré e 28 famílias de Vilar de Perdizes, Trás-os-Montes. Além disso, há ainda algumas famílias dos distritos de Aveiro (Ílhavo e Gafanha da Nazaré) e uma família do Alentejo.

Os açorianos vieram para o Canadá no início dos anos 1950 como parte de uma iniciativa conjunta do Canadá e Portugal para recrutamento de mão-de-obra para trabalhar na agricultura canadiana e no caminho de ferro, após a guerra. Tal como Tony Pereira me disse: “Éramos uma espécie de carga que Portugal estava a exportar para o Canadá”. Tony e o seu cunhado alistaram-se em Março de 1954, em resposta a uma campanha publicitária do governo canadiano nos Açores. Juntamente com mais de cem outros homens e acompanhados por um representante do governo português, pagaram a sua própria passagem e entraram a bordo de um navio para Halifax. A partir daí, foram levados de comboio para Toronto, onde foram entregues a vários empregadores, a maioria dos quais quintas da área de Toronto. O padrão da imigração açoriana para o Canadá foi já bem descrito (Anderson e Higgs 1976; Alpalhão e Da Rosa 1980) e a experiência do Tony é típica. No seu primeiro ano no Canadá teve vários empregos, incluindo a construção de estufas, a plantação de tomate, a apanha de tabaco, o trabalho numa cancha de “bowling” e na lavagem de automóveis. No final do segundo verão, contactou um compatriota do Faial da Terra que tinha um emprego numa empresa de produtos de madeira em Wheatley. O seu amigo arranhou-lhe emprego na mesma empresa e o Tony trabalhou lá a fazer caixotes de estufas, caixas de peixe e

paletes nos 27 anos seguintes. Em 1975, a empresa empregava 120 homens, 75% dos quais provenientes do Faial da Terra. Uma vez instalados e com emprego fixo, os homens mandaram vir as esposas e os filhos. As mulheres encontraram rapidamente trabalho no processamento de peixe e alimentos na Omstead's Foods, em Wheatley. Muitos açorianos da segunda geração, homens e mulheres, continuam a trabalhar para a Omstead's; outros conseguiram emprego no sector de serviços e na indústria na cidade de Windsor.

As famílias açorianas de Wheatley raramente ou nunca regressaram aos Açores. Empenharam-se em construir as suas casas no Canadá e estão activamente envolvidas nas actividades locais, desde treinar equipas de futebol juvenis, ocupar lugares no conselho municipal a organizar as celebrações do Dia do Canadá em Wheatley, todos os anos no dia 1 de Julho. Os seus filhos casaram com os filhos de famílias da classe média de outros grupos étnicos da zona, incluindo italianos, libaneses e anglo-canadianos. Os pais açorianos dão muita importância aos valores da família, à Igreja Católica, e dedicam um grande esforço à educação dos filhos. Apesar de a maior parte incentivar os seus filhos a acabar o ensino secundário, de acordo com os registos da escola secundária regional, ainda nenhum dos filhos de açorianos prosseguiu a carreira escolar pós-secundário. Em vez disso, são incentivados a casar, a encontrar um emprego e a juntarem-se à cada vez maior classe trabalhadora da sociedade canadiana.

As famílias transmontanais estão concentradas em Leamington. Embora relativamente pequenas

em número, destacam-se localmente como os "agentes" culturais da cultura portuguesa na região. Os transmontanais fundaram e gerem o Clube Português em Leamington e são os organizadores de um ciclo anual de festas que segue o calendário de festas da sua terra natal, Vilar de Perdizes, em Trás-os-Montes.

Homens solteiros e casados e mulheres solteiras migraram individualmente em finais dos anos 1950, de Vilar de Perdizes, em primeiro lugar para Lisboa e, depois, por uma variedade de diferentes razões e utilizando os contactos de amigos e parentes, emigraram para o Canadá e Leamington nos anos 1960. As mulheres encontraram emprego na Omstead's e os homens trabalharam primeiro na construção civil e mais tarde na indústria automóvel e de componentes, viajando diariamente de Windsor para o trabalho. Alguns transmontanais investiram na cultura do tomate em estufas, que é um negócio dominado localmente pelas famílias italianas que aí se fixaram nos anos 1920.

Os transmontanais de Leamington têm mobilidade ascendente. Dão muita importância ao ensino superior e à formação profissional para os seus filhos, tanto rapazes como raparigas, vários dos quais se formaram em universidades do Ontário. Muitos investiram no sector imobiliário, e tornaram-se proprietários em Leamington. Os transmontanais também investem em casas para a reforma e para as férias em Vilar de Perdizes. Parecem representar um espaço social intermédio entre os açorianos, que estão firmemente empenhados num futuro no Canadá, e os nazarenos, que regressam anualmente a Portugal e planeiam regressar definitivamente.

Os transmigrantes compram casas para a reforma em Portugal, mas reconhecem que, depois de se reformarem, poderão querer manter as suas casas de Leamington e viver uma parte do ano em Portugal e outra no Canadá, de forma a manterem-se perto dos seus filhos adultos que estão decididos a construir um futuro no país de acolhimento.

CONTINUIDADE E DESCONTINUIDADE NA CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE NAZARENA DE DIÁSPORA

O nascimento de uma identidade cultural nazarena no contexto canadiano é o resultado de um conjunto de factores que os próprios nazarenos constroem activamente de forma interligada. Aqui, analisarei três desses factores: as condições históricas e económicas; as relações intra-étnicas; as relações familiares e de género.

As condições históricas e económicas locais articulam-se com os padrões de emigração dos nazarenos e com a sua identificação das possibilidades de trabalho e modo de vida que a participação na pesca comercial do Lago Erie lhes proporciona. O momento histórico em que os nazarenos entraram na actividade piscatória do Lago Erie coincidiu com os baixos preços do peixe nos anos 1960 e princípio da década seguinte e com a expansão da indústria automóvel em Windsor e noutras cidades do sudoeste do Ontário, que seduziu os filhos dos agricultores e pescadores das zonas rurais. A consequente falta de mão-de-obra na actividade da pesca abriu vagas aos nazarenos. Quando os pescadores

anglo-canadianos envelhecidos, e cujos filhos tinham abandonado a pesca, começaram a vender os seus barcos e licenças a preços baixos, os portugueses estavam em posição de se tornarem proprietários de barcos e empregadores. Para liquidarem os seus empréstimos, os novos imigrantes proprietários (que eram principalmente portugueses e italianos) intensificaram esforços na pesca através de um aumento do número de horas e dias de pesca e, em 1984, o governo canadiano introduziu o sistema de quotas com vista a gerir os stocks de peixe e a acabar com o excesso de pesca. O impacto imediato das quotas era o facto de os proprietários já não poderem aumentar as suas receitas através do aumento da produção. Em vez disso, o seu incentivo passou a ser a diminuição de custos na obtenção da quota que lhes era atribuída (Berkes e Pocock 1987; 1990). Procuraram, assim, reduzir os custos da produção diminuindo os custos de mão-de-obra, o tamanho e o número das tripulações, e tentando reduzir as percentagens da tripulação de 50:50 para uma bem mais baixa, como a de 58:42. No sector de processamento, os proprietários procuraram baixar os custos para compensar a diminuição prevista dos volumes de peixe, através de um corte no preço/tarefa, reduzindo, assim, o potencial de produção de rendimentos da mulher.

As tentativas de diminuir a percentagem da tripulação e do preço/tarefa afectaram tanto os homens como as mulheres e desafiaram a estratégia de emigração dos nazarenos. O potencial de receitas e o futuro dos lares nazarenos no Canadá foram ameaçados pelas acções dos donos de barcos e fábricas, alguns dos quais portugueses e até nazarenos. Homens e mulheres

uniram-se numa série de greves e na constituição de um sindicato em 1986. O sindicato Great Lakes Fisheries and Allied Workers' Union – Sindicato das Pescas dos Grandes Lagos e Trabalhadores Aliados (presentemente "Local 444, Marine Division, Canadian Autoworkers Union") foi a primeira sindicalização de pescadores bem sucedida na história dos Grandes Lagos e também sindicalizou os trabalhadores nas fábricas de peixe mais recentemente estabelecidas pertencentes a portugueses e italianos¹. A sindicalização elevou o sentido de diferença dos nazarenos em relação aos outros portugueses de Leamington e cristalizou um conflito latente dentro da própria comunidade nazarena. Diferenças de gerações no seio da envolvente familiar nazarena também se intensificaram quando alguns pais se recusaram a fazer parte dos sindicatos. Nesses casos, os pais lembravam o apoio prestado pelos seus patrões nos seus primeiros anos no Canadá: os empregadores portugueses tinham-lhes pago muitas vezes os bilhetes de avião de e para a Nazaré ou ajudado as famílias a encontrar casa ou mesmo a conseguir a assistência dos serviços sociais e estatuto de imigrantes residentes. No entanto, a riqueza recentemente adquirida e os estilos de vida e valores aparentemente mudados dos empregadores portugueses eram muitas vezes objecto de crítica, quando os nazarenos tentavam assegurar a primazia do espírito igualitário e sistema de percentagem/quota que eram fulcrais na cultura da pesca na Nazaré. Os proprietários-patrões tinham vindo eles próprios da mesma pobreza e da mesma domesticidade com base na pesca igualitária que os seus trabalhadores e,

assim, golpear os pneus dos seus *Mercedes* ou vandalizar as suas casas ostentosas em Leamington era, no ponto de vista dos trabalhadores, uma afirmação pública da identidade e espírito comunitário.

O segundo grupo de factores na construção da identidade nazarena nas comunidades do Lago Erie deriva do contexto socio-cultural e especialmente das relações dentro da própria etnia geradas pela presença anterior de açorianos e transmontanos na região.

Os nazarenos vêem-se a eles próprios, nas palavras de Manuel Costa, como "um povo pescador". Na Nazaré, os homens pescam nas traineiras locais ou na pesca sazonal do bacalhau ao largo da costa (ou, noutros períodos históricos, noutras pescas internacionais no Brasil e em África); as mulheres gerem o trabalho em terra. A emigração é encarada como "ir atrás do peixe", ou seja, perseguir a possibilidade de viver da pesca. Quando falta o peixe num determinado local, os nazarenos mudam-se para outro. Os nazarenos entendem que, quando o trabalho no Lago Erie deixa de ser uma estratégia económica racional para o sustento do lar, terão de ir para outro lado qualquer. A continuidade é mantida através da *ideia* da "Nazaré". Tal como refere Manuel Costa: "A Nazaré é não só um local no mapa, mas também um lugar no coração e um modo de vida"². Onde quer que eles vão, procuram reproduzir o modo de vida nazareno. A continuidade é também mantida através de

¹ Os trabalhadores da fábrica de peixe da Omstead's eram membros do sindicato "Teamster's Union" desde os anos 1970.

² A identidade nazarena tal como descrita por Manuel é pura e transnacional. Ver estudo de Feldman-Bianco sobre transnacionalismo e imigrantes portuguesas em New Bedford, Massachusetts.

visitas frequentes ao local geográfico, Nazaré, especialmente no Natal. Os nazarenos planeiam ser enterrados na Nazaré e os corpos dos que morrem no Canadá são enviados por avião para aí para serem sepultados. Em 1986, morreram três nazarenos afogados quando o barco de um colega nazareno naufragou. Numa cerimónia pública, os corpos foram enviados para casa para o enterro e uma efusão colectiva de dor entre os nazarenos foi intensificada pela consciência da grande dor de morrer longe da Nazaré e pela dificuldade que as viúvas tinham em receber uma indemnização. Este caso cristalizou ainda mais a consciência colectiva cultural e de classe dos nazarenos que pescavam no Lago Erie.

Na comunidade nazarena, o capital é acumulado e aplicado em actos públicos que afirmam a sua identidade. Estes actos incluem investimentos em: casas para a reforma, barcos e pequenos negócios na Nazaré; visitas à Nazaré pelo Natal; vestuário e eventos para festejar o Carnaval em Leamington; roupa e aulas de dança folclórica; e, durante alguns anos, apoio ao Clube da Nazaré em Leamington. Raramente investem na educação dos filhos ou em barcos e licenças para melhorar as suas posições na actividade piscatória de Leamington. O compromisso do nazareno para com o Canadá é temporário e, juntamente com o seu compromisso com a pesca e noções específicas de género e domesticidade, sublinha diferenças entre os nazarenos e os outros portugueses da região.

Pelo contrário, os açorianos e os transmontanos mudam várias vezes de trabalho desde que deixam Portugal. Trabalham em locais multi-

-étnicos, especialmente no processamento de alimentos, na indústria automóvel, e os seus filhos casam frequentemente com membros de outros grupos étnicos, incluindo anglo-canadianos. Estão envolvidos na mobilidade social do Canadá e, no caso dos transmontanos, investem bastante na educação dos filhos. Os açorianos das cidades do Lago Erie normalmente nunca regressaram aos Açores em visita e não tencionam fazê-lo.

Os transmontanos parecem estar a desenvolver um padrão de migração sazonal – regressando de dois em dois anos durante as férias do verão (na casa que construíram para o efeito) e, após a reforma, planeando passar metade do ano em Portugal e a outra metade em Leamington.

Os ideais nazarenos relativos às relações com o lar e de género são a terceira e última dimensão da construção de uma identidade nazarena de diáspora que pretendo apreciar aqui. Tal como a Margarida descreveu, o padrão de emigração do nazareno inclui a emigração de todo o agregado familiar com vista a encontrar trabalho na pesca. No contexto canadiano, os nazarenos conservam a ideia do agregado familiar como unidade de produção para a qual todos os membros contribuem com o seu trabalho. Os filhos deixam a escola logo que possível para trabalharem na pesca. O período de emigração é desconhecido, mas é temporário – enquanto houver trabalho na pesca.

No Lago Erie, as relações com o lar e de género parecem, à primeira vista, assemelhar-se bastante à domesticidade da Nazaré: os pais e os filhos trabalham nos barcos; as mães e as

filhas em terra; todos contribuem para o sustento do lar. Tal como na Nazaré, a vida social é pública e segregada: os homens nas tavernas e nos cafés; as mulheres na rua, lojas de donuts e padarias. Os nazarenos (homens e mulheres) passam a maior parte do tempo em que não estão a trabalhar na companhia de outros nazarenos, em lugares públicos. A casa é o sítio para se dormir e um investimento de capital. Contrariamente à maioria das açorianas e das transmontanas, as nazarenas não têm uma forte identificação com o trabalho doméstico em casa; tal como os seus homens, apreciam o convívio social fora de casa. Os nazarenos são bastante endógamos e a maior parte das casas estão juntas nalgumas ruas de Leamington.

No entanto, durante o trabalho de campo e segundo a análise das notas aí produzidas, comecei a reconhecer alterações nas relações de género e domésticas entre os nazarenos no Canadá. Estas modificações contrastavam com a forma como a domesticidade dos açorianos e transmontanos estava a mudar e fez sobressair mais as diferenças entre os imigrantes portugueses do Lago Erie. Na Nazaré e em Vila Chã, as mulheres são as representantes do lar e os homens estão-lhes subordinados. As mulheres pescadoras em Portugal falam sem rodeios e são agressivas na interação social. No trabalho de campo no Canadá, contudo, os homens nazarenos eram invariavelmente os representantes do lar e as mulheres só falavam ou concordavam em ser entrevistadas quando os maridos não estavam presentes e fosse pouco provável que regressassem entretanto. As entrevistas com membros de famílias açorianas e transmontanas eram organizadas de forma mais

aberta e com qualquer um dos cônjuges, ou mesmo ambos, dependendo simplesmente da sua disponibilidade. As mulheres açorianas e transmontanas estão intensamente identificadas com a casa e com o trabalho doméstico não remunerado, que executam além do trabalho pago. Os maridos e as esposas consideram-se, no entanto, iguais e o casamento é encarado como uma "sociedade". A casa é o centro da família e da vida social comum. Nas entrevistas, os açorianos e os transmontanos contrastavam de forma negativa as relações de género e domésticas dos nazarenos em relação às suas e eram especialmente críticos no que respeita às mulheres nazarenas que, segundo dizem, passam demasiado tempo fora de casa, desligadas das tarefas domésticas. Ao mesmo tempo criticavam aquilo que consideravam o domínio masculino nos lares nazarenos. Não é por acaso que o seu criticismo reproduz e reforça o ideal da classe média relativamente às relações de género e ao papel da mulher na vasta sociedade canadiana. Inicialmente, interpretei esta percepção local das relações de género dos nazarenos em parte como uma manutenção de fronteiras intra-étnicas de grupo e, em parte, como a manifestação da estereotipação dos povos pescadores³. Mas, após

³ Histórica e globalmente, a pesca tem sido estigmatizada como uma ocupação da classe mais baixa e, em todo o mundo, esta actividade tem criado sociedades firmemente unidas e grupos sub-étnicos que se vêem muitas vezes em oposição aos que controlam a política e a economia das suas localidades. Segundo Smith (1977:8), os povos pescadores tendem a ser "um segmento denegrado e desprezado das sociedades em que vivem." Coull (1972:60) afirma que, em muitas partes da Europa, a pesca "tem sido encarada como uma actividade das classes sociais mais baixas." Ao descrever o surgimento no século dezanove de lares de pescadores na Suécia, Löfgren (1979:98) escreve: "Os pescadores eram recrutados dos estratos

repetidas leituras das minhas notas, verifiquei de forma consistente que, nos lares nazarenos cujos membros entrevistei, os maridos e pais se consideravam a si mesmos como responsáveis pela tomada de decisões na família, e eram reconhecidos como tal pelas esposas e filhas. Os membros do agregado familiar descreviam os homens como detentores de maior autoridade dentro do lar no Canadá do que em Portugal.

A mudança da domesticidade centrada no elemento feminino para agregados centrados no elemento masculino, no contexto de diáspora, é uma conclusão preliminar do meu trabalho de campo. Há duas condições que poderão ajudar a explicar como é que as relações de género e domésticas mudaram nesta direcção. Primeiro, como bacalhoeiros na migração sazonal, há já vários séculos na pesca do bacalhau na Terra Nova, os homens da Nazaré têm uma experiência anterior no Canadá e com canadianos. Foram também os homens que “descobriram” a pesca no Lago Erie. Os homens nazarenos estão mais

sociais mais baixos: os que não possuíam terras. Eram muitas vezes subordinados social, económica e politicamente aos lavradores.” E colocou a hipótese de que “este tipo de relações desiguais irão ser encontradas noutras comunidade marítimas povoadas por pescadores sem terra e lavradores.” Nadel (1984:104) descreve as estigmatização da comunidade de pescadores de Ferryden, no nordeste da Escócia, que é notoriamente semelhante à que expus sobre a Vila Chã. Em Ferryden, o povo pescador é descrito como “endógamo e fraco do espírito, sujo, grosseiro, dissimulado, impulsivo, belicoso e inebriado. Era objecto de sátira, exploração, afastamento e, ocasionalmente, de caridade bem intencionada.” Em Vila Chã, os lavradores descrevem os pescadores como “mal-educados”, “porcos”, “preguiçosos” e “bêbados”. Os lavradores e os pescadores vivem em partes diferentes da freguesia, raramente convivem e quase nunca casam uns-com os outros. (Cole 1991:42-54).

à vontade a viver no Canadá do que as mulheres. As mulheres, que na Nazaré dominavam a vida social, pública e privada, submetem-se aos maridos e aos pais pelo seu maior conhecimento na interacção com a mais vasta sociedade canadiana. Os homens, por exemplo, gerem as interacções domésticas para obterem serviços bancários e de saúde. Homens e mulheres contribuem, assim, na concessão de maior autoridade aos homens na envolvente doméstica, por causa da sua reconhecida maior familiaridade com o Canadá.

Em segundo lugar, no sistema de remuneração por percentagens/quotas na actividade comercial piscatória do Lago Erie, os homens reproduziram de facto as relações de trabalho nazarenas e muitos melhoraram as suas posições como proprietários de barcos e patrões. As mulheres nazarenas, contudo, já não trabalham como gestoras de negócios de pesca caseiros. São trabalhadoras assalariadas no sector industrializado de processamento, sujeitas à ausência de controlo sobre o seu tempo, remuneração e condições de trabalho, e à sua falta de conhecimento e qualificações necessárias para controlar a tecnologia da indústria. Além disso, aos olhos dos seus empregadores e no contexto mais alargado da sociedade canadiana, o trabalho delas no tratamento de peixe está ideologicamente ligado ao trabalho doméstico feminino realizado em casa e é, assim, subvalorizado económica e socialmente.

O contexto mais alargado da emigração, industrialização, e ideologias sobre género de acordo com as classes sociais do Canadá tiveram um impacto nas relações quotidianas entre

homens e mulheres nos lares dos nazarenos imigrantes. Estas forças externas maiores desafiam as estratégias dos nazarenos para manter a continuidade com a sua identidade histórica e cultural de povo pescador e para conservar os seus lares intactos enquanto unidades económicas e sociais.

AGRADECIMENTOS

Foi apresentada uma versão anterior desta comunicação numa conferência intitulada "Sociedade Portuguesa, Cultura e Religião de Hoje" patrocinada pelo Programa de Estudos Portugueses da Universidade da Califórnia, em Berkeley, e pela União Portuguesa do Estado da Califórnia (U.P.E.C.), em 24 de Novembro de 1996. A investigação foi financiada por uma bolsa do Conselho de Investigação de Humanidades e Ciências Sociais do Canadá.

BIBLIOGRAFIA

- ALPALHÃO, J. A. AND DA ROSA, V. M. P.
1980. *A Minority in a Changing Society: The Portuguese Communities of Quebec*. Ottawa: University of Ottawa Press.
- ANDERSON, G.
1974. *Networks of Contact: The Portuguese and Toronto*. Waterloo: Wilfrid Laurier University.
- ANDERSON, G. AND HIGGS, D.
1976. *A Future to Inherit: Portuguese Communities in Canada*. Toronto: McClelland and Stewart.
- BERKES, FIKRET AND POCOCK, DOROTHY
1987. "Quota Management and 'People Problems': A Case History of Canadian Lake Erie Fisheries." *Transactions of the American Fisheries Society* 116:494-502.
- BERKES, FIKRET AND POCOCK, DOROTHY
1990. "Diversity of Commercial Fisheries in the Canadian Great Lakes." *Society and Natural Resources* 3:173-186.
- BRETTELL, C.
1986. *Men Who Migrate, Women Who Wait: Population and History in a Portuguese Parish*. Princeton: Princeton University Press.
- BRØGGER, JAN
1987. *Pre-bureaucratic Europeans: A Study of a Portuguese Fishing Community*. Oslo: Norwegian University Press.
- COLE, S.
1990. "Cod, God, Country, and Family: The Portuguese Newfoundland Cod Fishery." *Maritime Anthropological Studies* 3(1):1-29.
- COLE, S.
1991. *Women of the Praia: Work and Lives in a Portuguese Coastal Community*. Princeton: Princeton University Press.
- COULL, J. R.
1972. *The Fisheries of Europe*. London.
- DI LEONARDO, M.
1984. *The Varieties of Ethnic Experience: Kinship, Class and Gender among California Italian Americans*. Ithaca: Cornell University Press.
- FELDMAN-BIANCO, BELA
1992. "Multiple Layers of Time and Space: The Construction of Class, Race, Ethnicity, and Nationalism among Portuguese Immigrants." In *Towards a Transnational Perspective on Migration*. Nina Glick Schiller, Linda Basch and Cristina Blacn-Szanton, eds., pp.145-174. New York: The New York Academy of Sciences.

GRASMUCK, SHERRI AND PESSAR, PATRICIA

1991. *Between Two Islands: Dominican International Migration*. Berkeley: University of California Press.

HARRIS, OLIVIA

1981. "Households as Natural Units." In *Of Marriage and the Market: Women's Subordination in International Perspective*. Kate Young, Carol Wolkowitz and Roslyn McCullagh, eds., pp.49-68. London: CSE Books.

HARTMANN, HEIDI

1981. "The Unhappy Marriage of Marxism and Feminism: Towards a More Progressive Union." In Lydia Sargent, ed., *Women and Revolution*, 1-41. Boston: South End Press.

IACOVETTA, F.

1986. "From Contadina to Worker: Southern Italian Immigrant Working Women in Toronto", 1947-62. In *Looking into My Sister's Eyes: An Exploration in Women's History*. ed., J. Burnet, pp.195-222. Toronto: Multicultural History Society of Ontario.

LAMBERT, LARRY

1975. *Ontario's Lake Erie Commercial Fishery: A Social and Economic Profile*. Ontario: Ministry of Natural Resources.

LAMPHERE, LOUISE

1987. *From Working Mothers to Working Daughters: Immigrant Women in a New England Industrial Community*. Ithaca: Cornell University Press.

LÖFGREN, O.

1979. "Marine Ecotypes in Preindustrial Sweden: A comparative Discussion of Swedish Peasant Fishermen." In *North Atlantic Maritime Cultures*, R. Anderesn, ed., pp.83-109. The Hague: Mouton.

NADEL, J.

1984. "Stigma and Separation: Pariah Status and Community Persistence in a Scitish Fishing Village." *Ethnology* 23(2):101-115.

NOIVO, EDITE

1993. "Ethnic Families and the Social Injuries of Class, Migration, Gender, Generation and Minority Group Status." *Canadian Ethnic Studies* 25(3): 66-75.

PINA-CABRAL, J. DE

1986. *Sons of Adam, Daughters of Eve: The Peasant Worldview of the Alto Minho*. Oxford: Clarendon.

RAPP, RAYNA

1978. "Family and Class in Contemporary America: Notes Towards an Understanding of Ideology." *Science and Society*. 42(3): 278-300.

SMITH, M. E., ED.

1977. *Those Who Live From the Sea: A Study in Maritime Anthropology*. American Ethnological Society Monograph 62.

VAN WEST, JOHN

1989. Ecological and Economic Dependence ia a Great Lakes Community-Based Fishery: Fishermen in the Smelt Fisheries of Port Dover, Ontario. *Journal of Canadian Studies*. 24(2): 95-115.

VEIGA DE OLIVEIRA, E., GALHANO, F. AND PEREIRA, B.

1975. *Actividades agro-maritimas em Portugal*. Lisboa: Instituto de Alta Cultura, Centro de Estudos de Etnologia.

YOUNG, K.

1978. "Modes of Appropriation and the Sexual Division of Labour: A Case Study from Oaxaca, Mexico. In *Feminism and Materialism: Women and Modes of Production*, A. Kuhn and A. Wolpe, eds., pp.124-154. London: Routledge and Kegan Paul.

ZAVELLA, P.

1987. *Women's Work and Chicago Families*. Ithaca: Cornell University Press.